

RESSALVA

Atendendo solicitação do(a) autor(a), o texto completo desta dissertação será disponibilizado somente a partir de 16/12/2017.



**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA JÚLIO
DE MESQUITA FILHO**

Faculdade de Filosofia e Ciências – Campus Marília
Programa de Pós-Graduação em Filosofia

DIOGO SENE

KEHRE: VERDADE E LINGUAGEM EM HEIDEGGER

Marília
2015

Sene, Diogo.
S475k Kehre : verdade e linguagem em Heidegger / Diogo Sene. –
Marília, 2015.
76 f. ; 30 cm.

Orientador: Jonas Gonçalves Coelho.
Agência financiadora: CAPES.
Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Universidade
Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Faculdade de
Filosofia e Ciências, 2015.
Bibliografia: f. 70-76.

1. Heidegger, Martin, 1889-1976. 2. Verdade. 3. Linguagem.
4. Metafísica. I. Título.

CDD 193

DIOGO SENE

KEHRE: VERDADE E LINGUAGEM EM HEIDEGGER

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Estadual Paulista, Campus de Marília, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Filosofia.

Área: História da Filosofia, Ética e Filosofia Política.

Linha de pesquisa: História da Filosofia.

Orientador: Dr. Jonas Gonçalves Coelho

Agência financiadora: CAPES

MARÍLIA
2015

DIOGO SENE

KEHRE: VERDADE E LINGUAGEM EM HEIDEGGER

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia, da Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Campus de Marília, como requisito para a obtenção do título de mestre em Filosofia, sob a orientação do Prof. Dr. Jonas Gonçalves Coelho.

Data de Defesa: 16/12/2015

BANCA EXAMINADORA:

Titular 1 (orientador): Prof. Dr. Jonas Gonçalves Coelho (UNESP/Bauru-SP).

Titular 2: Prof. Dr. Paulo César Rodrigues (UNESP/Marília-SP).

Titular 3: Prof. Dr. Eli Vagner Francisco Rodrigues.(UNESP/Bauru-SP).

Suplente interno: Prof. Dr. Ricardo Monteagudo (UNESP/Marília-SP).

Suplente externo: Prof. Dr. Alexandre Ferreira de Oliveira (UNIFESP/São Paulo-SP).

Para meus Familiares

AGRADECIMENTOS

Este trabalho é fruto de uma confluência de vários fatores, as amizades, os duros percalços, a vida unespiana, a vida com minha amada esposa Eloá e muitos outros. Portanto, me desculpo de antemão por não conseguir expressar nesse pequeno espaço toda minha gratidão a todos que foram indispensáveis na constituição deste.

Agradeço à Edna, secretária do Departamento de Filosofia, pela enorme competência. Aos funcionários da Seção de Pós Graduação, principalmente ao Willian e a Ana, por todo o suporte e diversas tratativas para me manter no programa.

Agradeço aos professores do Programa: Ricardo Monteagudo, pelo fundamental apoio no estágio e a enorme disponibilidade em participar da qualificação sem ser um estudioso de Heidegger, Ana Portich, pelas broncas merecidas e por se dispor a me ajudar no momento mais difícil que foi a perda da Clélia, ao Jonas Gonçalves, alguém que levarei para o resto da vida como exemplo de profissionalismo e respeito, que me ajudou quando já havia perdido as esperanças e se propôs a trabalhar com um aluno que não encontrava apoio em instância nenhuma da universidade, meu MUITO OBRIGADO! Tão importante quanto o Jonas é a Clélia Martins, que já não se encontra conosco, porém, estará comigo para sempre, todas as conversas, as viagens juntos para Ribeirão Preto, a confiança de entrar junto comigo num projeto desde o primeiro ano da Graduação num tema que nem era sua especialidade, mas que nunca se recusou a ajudar, onde estiver a senhora é meu maior exemplo do que é ser um professor, sem dúvidas! Agradeço ao professor Paulo por se dispor a participar da banca final e ao professor André Duarte pelas valorosas indicações na qualificação, também ao professor Eli pela enorme disposição em participar da defesa.

Dedico também aos meus familiares, dona Cida mãe para todas as horas, minha irmã Cristiane que sempre correu para me ajudar, meu cunhado Pedro, meu pai Jesus que deu o que não tinha para que eu estivesse na Unesp, também em memória ao meu irmão, ao qual sinto falta diariamente.

Especialmente a minha esposa Eloá Marcassi que está comigo em todos os momentos, sejam bons ou ruins, espero que nossa vida se mantenha unida pelo resto de nossos dias, te amo!

Lembro também de todos os amigos que na vida difícil de Marília, nunca me desampararam, João Gustavo (Né não!), Yuri Cunha, Gabriel Serrano, Eduardo Parra, Rodolfo Mattos, Gaetano Esposito, Augusto, André, Luiz, Amandinha, e outros que não me recordo no momento, mas, que também agradeço.

Por fim, agradeço ao financiamento da CAPES sem o qual a realização deste trabalho não seria possível.

*Quem, se eu gritasse, entre as legiões dos Anjos
me ouviria? E mesmo que um deles me tomasse
inesperadamente em seu coração, aniquilar-me-ia
sua existência demasiado forte. Pois que é o Belo
senão o grau do Terrível que ainda suportamos
e que admiramos porque, impassível, desdenha
destruir-nos? Todo Anjo é terrível.*

(Rainer Maria Rilke, Elegias de Duino).

SENE, D. **Kehre: Verdade e linguagem em Heidegger**. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2015.

RESUMO

Esta dissertação propõe um modo particular de leitura da obra do filósofo alemão Martin Heidegger (1889-1976). Partindo desse princípio, iremos nos defrontar com um problema que permeia a literatura acerca desse pensador, a saber, a questão da Kehre ou virada de pensamento, que ocorreu ao longo de sua vida filosófica, para isso, utilizaremos como fio-condutor os conceitos de linguagem e verdade, recorrentes nas suas obras. Ademais, perscrutamos os limites que tais ideias implicam dentro de alguns textos do filósofo, com vistas a vislumbrar o valor que essas ideias possuem na reflexão da virada de pensamento e como depende delas a ocorrência da Kehre.

Palavras-chave: Heidegger. Kehre. Verdade. Linguagem. Metafísica.

SENE, D. **Kehre : truth and language in Heidegger**. Dissertation. Faculty of Philosophy and Sciences, State University of São Paulo, Marília, 2015.

ABSTRACT

Our work proposes a particular way of work of the German philosopher Martin Heidegger reading (1889-1976). Based on this principle, we may face a problem that pervades the literature on this thinker, namely the question of the Kehre or turn of thought, which occurred throughout his philosophical life, for that we will use as wire conductor concepts of language and truth, recurrent in his works . In addition, we watch for the limits that these ideas imply in some philosophical texts, in order to glimpse the value that these ideas have in reflecting the turn of thought and depends on them as the occurrence of Kehre.

Key-words: Heidegger. Kehre. Truth. Language. Metaphysics.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
CAPÍTULO 1 - LINGUAGEM E VERDADE EM <i>SER E TEMPO</i>.....	12
APRESENTAÇÃO.....	13
1.1DO SER À LINGUAGEM.....	13
1.2PARÁGRAFO 44: SOBRE A VERDADE.....	27
CAPÍTULO 2 - A <i>KEHRE</i>: ARGUMENTOS DA VIRADA.....	35
APRESENTAÇÃO.....	36
2.1 A VIRADA PELOS ESPECIALISTAS.....	36
CAPÍTULO 3 - LINGUAGEM E VERDADE NAS OBRAS APÓS A <i>KEHRE</i>.....	51
APRESENTAÇÃO.....	52
3.1VERDADE E ARTE.....	52
3.1.1 LINGUAGEM: POESIA E CASA DO SER.....	65
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	69
REFERÊNCIAS.....	70

INTRODUÇÃO

Heidegger se interessa pela reflexão metafísica a partir da leitura do texto *Sobre o Múltiplo Significado Do Ente Em Aristóteles* de Franz Brentano, ao qual possuía como epígrafe uma citação de Aristóteles proveniente da *Metafísica*¹. A partir dessa obra, conhece e se interessa pela meditação do Ser, desde então, tal ponderação é determinante nas suas proposições filosóficas, indicando que a discussão sistematizada por Aristóteles é basilar na literatura heideggeriana².

A importância da metafísica no filósofo alemão ultrapassa a consideração desta como mais uma simples área temática da especulação filosófica, pelo contrário, o saber do Ser é o único horizonte possível para a filosofia. Portanto, o fundamental da pergunta “o que é o Ser?” a todo instante orienta o pensamento de Heidegger, seja acerca dos temas mais comuns na história da filosofia, tais como, verdade e linguagem, seja nas incursões pela técnica contemporânea. Como Borheim declara: “o ser é como que o orientador, a bússola do pensamento”³. Não se pode jamais abandonar tal perspectiva, se quisermos realizar uma pesquisa séria sobre sua filosofia.

A questão primordial, que é a meditação do Ser, coloca-se já na introdução de *Ser e tempo* (1927), principal obra do pensador da Floresta Negra, e posteriormente, guia todos os conceitos surgidos nessa reflexão. Porém, após uma década muito conturbada na vida do filósofo que inclui a filiação ao partido nazista, breve passagem na função de reitor da Universidade de Freiburg, leituras aprofundadas de Nietzsche e Hölderlin, e os desenlaces históricos próprios da Segunda Guerra Mundial, a forma como Heidegger trata do Ser se altera. Isto é, suas preocupações metafísicas são acessadas de maneira distinta daquela adotada ainda na década de 1920 com *Ser e Tempo*. Isso não quer dizer que o Ser perdeu espaço na sua filosofia, mas sim, que depois do vivenciado por ele, tornou-se impossível perscrutar o Ser somente pela analítica do *Dasein*.

¹ Essa constatação é feita por Safranski em sua biografia sobre Heidegger, ver “*Heidegger: Um mestre da Alemanha entre o bem e o mal*”, página 51-52. A tese de Brentano tem relação direta com a citação de Aristóteles, a saber, “o ente é dito de múltiplos modos”, visto que, aquele procura nos modos de dizer o ser uma possibilidade de atingir Deus, logo a frase do estagirita é a base dessa especulação de tom divino. (ARISTÓTELES: 2001, Γ cap. 2, 1003^a – 33)

² Sobre o impacto da reflexão acerca dos modos do ser, advindas de Aristóteles, o próprio Heidegger promulga que na frase da epígrafe de Brentano: “esconde-se a pergunta determinante no caminho de meu pensar: qual é a determinação simples e unívoca do ser que predomina dentre todas as outras multiplicidades de significações? Essa pergunta invoca a seguinte: que significa então ser?”. (Tradução nossa)(RICHARDSON: 1963, p. XI).

³ BORHEIM: 2001, p. 198.

A virada no pensamento do filósofo, principalmente no concernente à especulação do sentido do Ser, é objeto de constante estudo dos vários especialistas em Heidegger. Esse processo de reformulação dos caminhos metafísicos os comentadores chamam de *Kehre*, uma viravolta no questionamento filosófico do alemão⁴. Mas, o que leva os estudiosos a confirmarem a existência da *Kehre* são as obras posteriores a *Ser e tempo*, que abordam o Ser pelo viés poético, técnico ou artístico. Contudo, a distinção entre um primeiro e após a virada, um segundo Heidegger não é tão simples como aparenta. Fora o fato do próprio autor nunca ter reconhecido essa mudança como algo importante de ser explorado e, por conseguinte, abordando pouco esse momento de sua filosofia, os próprios especialistas conflitam profundamente a respeito das causas desse processo.

Tendo em vista toda a problemática oriunda dessa mudança na filosofia heideggeriana, nosso objetivo na presente dissertação é propor um esclarecimento sobre *Kehre* e as suas consequências em certos conceitos do pensador. Para isso tornou-se necessário delimitar quais conceitos poderiam refletir com profundidade a viravolta. Optamos por meditar acerca das ideias de verdade e linguagem, uma vez que, ambas são recorrentes na teoria e presentes tanto em sua obra de primeira fase quanto no denominado segundo Heidegger, algo que nos daria base suficiente para interpretar a envergadura da mudança de pensamento. Além do mais, diversos comentadores renomados defendem a adveniência da *Kehre* como desdobramentos de um desses conceitos.

O perigo se encontra em perder-se na amplidão de sentidos que noções como verdade, linguagem e *Kehre*, adquirem durante o pensamento do autor. Portanto, foi preciso traçar um caminho e renunciar as vias laterais. Preferimos deixar-se guiar por alguns questionamentos que ligados evoluíram solidariamente rumo a uma postura que alcançasse nosso objetivo na dissertação e mostrasse a importância que estas ideias ocupam na meditação heideggeriana sobre o Ser. O que são linguagem e verdade na analítica existencial proposta em *Ser e tempo*? Até que momento a procura pelo sentido do Ser impacta no desenvolvimento dessas ideias? O que representa a *Kehre* na meditação do autor? Como os estudiosos classificam essa virada? E por fim, como se denotam verdade e linguagem, nas obras do segundo Heidegger? As mudanças nesses conceitos podem ser vistas como uma forma de maior aproximação da meditação sobre o Ser?

⁴ O conceito de *Kehre*, que pela tradução configura-se como viravolta, virada radical ou inflexão de pensamento. Será abordado por nós, majoritariamente em sua constituição original germânica, porém, algumas vezes, para que o termo não se torne repetitivo adotaremos as traduções mais usuais. No entanto, sempre o conceito fará referência ao momento de passagem do filósofo das questões mais relacionadas à ontologia fundamental do *Dasein* para um instante em que o pensador aborda o problema do Ser por outros meios, como a linguagem, arte, técnica e linguagem.

Desse modo, nosso percurso no primeiro capítulo perscruta a obra *Ser e tempo*, visando atingir uma noção geral de linguagem e verdade. Nessa busca, fica claro como a linguagem tem lugar menor ante à análise existenciária, e que depende estritamente do *Dasein* para ser posta em relevo na meditação, ainda mais, obtém-se que a verdade também é pouco autorizada na obra de 1927, porque, o *Dasein* precisa abrir-se de modo originário para que o ente em sua totalidade se desvele, isto é, o ser do ente só é visível quando o *Dasein* se coloca no abertura, e deixa o ente em seu ser verdadeiro desvelar-se.

Adiante, no segundo capítulo, buscamos abordar o momento da inversão de pensamento do filósofo, a *Kehre*. Esta, vista por meio de três propostas distintas para as suas causas e consequências, os comentadores Marco Aurélio Werle, Benedito Nunes e Ernildo Stein são os autores das propostas. No fim do capítulo é visto que as ideias de verdade e linguagem permeiam toda versão acerca da *Kehre* feita por esses estudiosos. Portanto, essas duas precisam estar numa reflexão do momento pós-virada, visto que, somente captando as nuances desses conceitos, entendemos completamente as implicações da inversão de pensamento.

No terceiro e último capítulo, analisamos os conceitos que são nosso fio-condutor nas obras de maturidade de Heidegger, textos como *A Origem da obra de arte* (1936) e *Carta Sobre o Humanismo* (1944), são os meios da interrogação, para que possamos nas considerações finais expor as consequências que a virada representa na filosofia do pensador da Floresta Negra, e como ela atinge conceitos estruturantes na meditação do autor, como é o caso das noções de verdade e linguagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos nossa dissertação com a ponderação acerca da *Khere* em Heidegger, com vistas a reforçar como os conceitos de verdade e linguagem, apesar de sofrerem mutações ao longo da reflexão filosófica, mantêm a proposição fundamental que guia todo o trabalho de Heidegger, permitindo uma mudança de perspectiva, mas não de objetivo. Ou seja, poderíamos entender que a viravolta permite uma liberdade no tangente aos métodos de compreensão do Ser, um campo maior de investigação para o filósofo. Porém, esse sempre está referido ao fundamento do pensar heideggeriano, que é o problema do Ser. Assim, as incursões pela técnica, na arte e na poesia podem ser justificadas, como sendo fruto dessa liberdade de interpretação advinda da *Kehre*. Ela é como que um desvio metodológico de meditação adotado por Heidegger para: 1- tentar fugir da tradição, 2- atingir de modo novo a problemática do Ser, 3- tratar o objeto a ser pesquisado por vários ângulos, 4- conseguir ficar mais próximo da questão do Ser.

É óbvio nosso entendimento que o objeto de análise para se alcançar a verdade é divergente em *Ser e Tempo* e na *Origem da Obra de Arte*, mas, mesmo assim é possível indicar que a verdade torna-se completamente diferente antes e após a *Kehre*. Porque, até os “objetos” que permitem refletir acerca dessa são distintos, além dos próprios conceitos que brotam na meditação da verdade em um e noutro texto. No primeiro livro, verdade é um dispositivo de desvelamento dos entes que só é acionado na perspectiva de uma ontologia fundamental do Dasein, é preciso estar na abertura proporcionada pelo ser-aí para que o ente se desvele em sua totalidade e assim possamos ter o acontecimento da verdade. Já no segundo, ocorre uma nova forma de verdade, a obra de arte em seu ser-obra estabelece a clareira donde o conflito essencial entre mundo e terra acontece, e no qual a verdade se dá, essa clareirado abrir-se do ente obra é poética.

No âmbito da linguagem não é diferente, se no primeiro Heidegger, ela é um dispositivo existencial, submisso ao Dasein, e dependente desse para dar-se, no segundo ela já possui tamanha liberdade que funda a própria história do homem, quando assume o papel de mensagem dos deuses, além disso, após a virada a linguagem, principalmente a poética, institui a casa do Ser, isto é, ela se configura como possibilidade absoluta do homem caminhar rumo à sua essência. Devido a isso, a filosofia e todos os saberes, deveriam assimilar uma aproximação do fundamental da linguagem, como Heidegger afirma: “em jogo está aprender a morar na fala da linguagem”¹.

¹ HEIDEGGER: 2008, p. 26.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Obras de Heidegger:

HEIDEGGER, Martin. *A Caminho da Linguagem*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2008. 4ª ed.

_____. *A Origem da obra de arte*. Lisboa: Edições 70, 1999. 2ª ed.

_____. *A Questão da Técnica*. Tradução Marco Aurélio Werle. São Paulo: Scientlestudia, 2007. Pag. 375-98. V.5, nº 3.

_____. *Arte y Poesia*. México: Fondo De Cultura Econômica, 1992.

_____. *Caminhos de Floresta*. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2002.

_____. *Carta sobre o humanismo*. Conferências e escritos filosóficos. Tradução: Ernildo Stein. São Paulo: Abril S. A. 1973a. Pag. 345-374. (Coleção Os Pensadores).

_____. *Hinos de Hölderlin*. Tradução: LumirNahodil. Lisboa: Instituto Piaget, 2004.

_____. *Introdução à filosofia*. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2008.

_____. *Já só um deus pode ainda nos salvar*. Entrevista a revista Der Spiegel (1966). Tradução de Irene Borges Duarte. Covilhã, PT: Lusosofia: Press, 2009.

_____. *Língua de tradição e língua técnica*. Tradução Mário Botas. Lisboa: Vega, 1995. 1ª ed.

_____. *Meu caminho para a fenomenologia*. Conferências e escritos filosóficos. Tradução: Ernildo Stein. São Paulo: Abril S. A. 1973f. Pag. 493-500. (Coleção Os Pensadores).

_____. *O Acontecimento Apropriativo*. Rio de Janeiro: Forense. 2013. 1º ed.

_____. *Os Conceitos Fundamentais da Metafísica: Mundo, finitude, Solidão*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

_____. *Que é isto – a Filosofia?*. Conferências e escritos filosóficos. Tradução: Ernildo Stein. São Paulo: Abril S. A. 1973b. Pag. 205-222. (Coleção Os Pensadores).

_____. *Que é metafísica?*. Conferências e escritos filosóficos. Tradução: Ernildo Stein. São Paulo: Abril S. A. 1973c. Pag. 223-261. (Coleção Os Pensadores).

_____. *Ser e Tempo*. Edição bilíngue alemão-português. Tradução: Fausto Castilho. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2012. 1ª ed.

_____. *Sobre a essência da verdade*. Conferências e escritos filosóficos. Tradução: Ernildo Stein. São Paulo: Abril S. A. 1973e. Pag. 325-343. (Coleção Os Pensadores).

_____. *Sobre a essência do fundamento*. Conferências e escritos filosóficos. Tradução: Ernildo Stein. São Paulo: Abril S. A. 1973d. Pag. 281-323. (Coleção Os Pensadores).

Obras sobre Heidegger:

BORHEIM, Gerd. *“Heidegger: a questão do ser e a dialética”*. In: *Metafísica e Finitude*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2001.

_____. *Introdução ao filosofar. O pensamento filosófico em bases existenciais*. São Paulo: Editora Globo, 2009. 3ª ed.

CASANOVA, Marco Antonio. *Compreender Heidegger*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2009.

CRITELLI, Dulce. *Martin Heidegger e a essência da técnica*. In: *Margem*, São Paulo, nº16, p. 83-89, dez. 2002.

DUARTE, André. *Heidegger e a Linguagem: do acolhimento do ser ao acolhimento do outro*. In: *Natureza Humana*, ano 7, n.1, pp.129-158, 2005.

DUBOIS, Christian. *Heidegger: Introdução a uma leitura*. Tradução de Berbabdo Barros Coelho de Oliveira. RJ: Jorge Zahar Ed., 2004.

FERREIRA, Alexandre O. *Ontologia fundamental e técnica: uma contribuição ao estudo da “Kehre” no pensamento de Heidegger*. Campinas: SP, 2007.

FIGAL, Gunter. *Martin Heidegger: fenomenologia da liberdade*. Tradução de Marco Antonio Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

HAAR, Michel. *Heidegger e a Essência do Homem*. Tradução de Ana Cristina Alves. Lisboa: Instituto Piaget, 1990.

INWOOD, Michael. *Dicionário Heidegger*. Rio de Janeiro: Zahar Edições, 2002.

JUNIOR, Oswaldo G. *Dicionário de Filosofia Contemporânea*. São Paulo: Publifolha, 2010. 2ª ed.

LOPARIC, Zeljko. *Heidegger*. Rio de Janeiro: JZE, 2004.

MATÍAS, Paloma. *Hölderlin y lo no-dicho: Sobre la Cuestión del Silencio en la Interpretación de Martin Heidegger de su Poesía*. In: *Diánoia*, México: 2012. Pag. 31-69. Volume LVII.

NUNES, Benedito. “*Heidegger e a poesia*”. In: *Natureza humana: Revista internacional de filosofia e práticas psicoterápicas*. São Paulo, 2000.

_____. *Passagem para o poético. Filosofia e poesia em Heidegger*. São Paulo, SP: Ática, 2008. 2ª ed.

_____. *No tempo do niilismo e outros ensaios*. São Paulo, SP: Edições Loyola, 2012.

PÖGGELER, Otto. *A via do pensamento de Martin Heidegger*. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.

REIS, Róbson & SILVEIRA, André. *A interpretação privativa: sobre o método da hermenêutica da vida em ‘Ser e Tempo’*. *Heidegger e Aristóteles*. In: Fleig, Mario & Francisco, José (orgs.). São Leopoldo: Editora da Unisinos, 2010.

RICHARDSON, William J. *Heidegger: Through phenomenology to thought*. New York: Fordham University Press, 2003.

RORTY, Richard. *Heidegger, Contingency, and Pragmatism*. In: *A Companion to Heidegger*. Malden, USA: Blackwell Publishing, 2007, pp.511-532.

SAFRANSKI, Rüdiger. *Heidegger: Um mestre da Alemanha entre o bem e o mal*. Tradução de Lya Lett Luft. São Paulo: Geração editorial, 2000. 1ª ed.

SALANSKIS, Jean-Michel. *Heidegger*. Tradução de Evando Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 2011.

SILVA, Franklin. L. *Martin Heidegger e a técnica*. São Paulo: Scientiaestudia. V.5, nº 3. p. 369-74, 2007.

STEIN, Ernildo. *A questão do método na filosofia – um estudo do modelo heideggeriano*. SP: Duas cidades, 1973.

_____. *Em busca da linguagem para um dizer não-metafísico*. In: *Natureza Humana*, ano 6, n.2, pp.289-304, 2004.

_____. *Sobre a verdade. Lições preliminares ao parágrafo 44 de Ser e Tempo*. Ijuí, RS. Editora Unijuí, 2006.

TROTIGNON, Pierre. *Heidegger*. Tradução de Armindo José Rodrigues. Lisboa: Edições 70, 1965.

VATTIMO, Gianni. *Introdução a Heidegger*. Tradução de João da Gama, Lisboa: Edições 70, 1989.

WERLE, Marco. A. *Poesia e pensamento em Hölderlin e Heidegger*. São Paulo: UNESP, 2005.

Bibliografia Geral:

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. São Paulo: Mestre Jou, 1982. 2ª ed.

BOSI, Alfredo. *O Ser e o tempo da poesia*. São Paulo: Cultrix, 1977.

CHAUÍ, Marilena. *Introdução à história da filosofia: dos pré-socráticos a Aristóteles*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. 2ª ed.

FERNANDES, Francisco. *Dicionário de sinônimos e antônimos da língua portuguesa*. Porto Alegre: Editora Globo, 1970. 12ª ed.

GADAMER, Hans-Georg. *Hermenêutica em retrospectiva: Heidegger em retrospectiva*. Petrópolis: Vozes, 2007.

KANT, Immanuel. *Prolegômenos a toda a metafísica futura*. Lisboa: Edições 70, 1988.

PARMÊNIDES. *Poema*. Tradução de Fernando Santoro, 1998.

REALE, Giovanni. *História da filosofia: Filosofia pagã e antiga*. Tradução de Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus, 2009. 4ª ed.

_____. *História da filosofia: De Nietzsche à Escola de Frankfurt*. Tradução de Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus, 2009. 3ª ed.